

II Fórum Social Mundial: sentidos e desafios*

II World Social Forum: meanings and challenges

R esumo

Este texto enfatiza os sentidos e desafios apresentados pelo II Fórum Social Mundial, tendo como elementos de análise o caráter plural e a eficiência do trabalho em rede. A efervescência de diversos movimentos sociais, suas lutas e bandeiras por uma globalização alternativa e solidária, onde a dignidade humana possa ser o prisma de um outro mundo possível. Desafios futuros também são trazidos para ressaltar os elementos comuns e discutir as divergências, superando esse movimento inicial de contestação ao atual modelo de sociedade.

Palavras-chave: movimentos sociais, globalização, pluralidade, diversidade, rede.

A bstract

This article aims to highlight the meanings and challenges presented by the II World Social Forum, with a focus on the plural nature and efficiency of networking. The emergence of a number of social movements, their struggles and support for an alternative and solidary globalization, where human dignity can be the prism through which a possible new world is envisaged. Future challenges are brought into the scene so as to highlight common elements and discuss divergences, thus overcoming this initial movement of contestation of the present model of society.

Key words: social movements, globalization, plurality, diversity, networking.



Lucimara Perpétua dos Santos Benatti

Kárita Rachel Pedroso Bastos

Mestrandas no Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social pela PUC/SP.

* Este texto é resultado do trabalho coletivo desenvolvido no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Movimentos Sociais (NEMOS) da PUC-SP, que no decorrer do 1º semestre de 2002 teve como eixo central de discussão o II Fórum Social Mundial.

A minha alma está armada e apontada para a cara do sossego . Pois paz sem voz, não é paz é medo. Às vezes eu falo com a vida, às vezes é ela quem diz, qual a paz que eu não quero conservar pra tentar ser feliz.

RAPPA

A realização do II Fórum Social Mundial 2002 (II FSM), que reuniu em Porto Alegre milhares de participantes, vindos dos mais diversos países, renova nossas esperanças, ao mesmo tempo em que coloca desafios a serem enfrentados por aqueles que acreditam que um novo mundo é possível!

As palavras de Emir Sader, ao final do primeiro Fórum (2001) revelam que se esperava de Porto Alegre 2002:

[...] tem de significar a consolidação de avanços que se darão ao longo deste ano, para que o novo mundo, necessário e que já demonstrou ser possível, possa se tornar um mundo real, existente. Um mundo não mais 'imagem e semelhança da mercadoria e do dinheiro, mas 'imagem e semelhança do homem e de seus sonhos'.

A consolidação do neoliberalismo nesta última década, o fato recente do atentado de 11 de setembro em Nova York e a conseqüente resposta dada pelo governo dos EUA trouxe à tona a discussão sobre a implementação desta nova ordem imperial. Quase que simultaneamente, a crise da Argentina, no início deste ano, trouxe sinais de abalos na política neoliberal, demonstrando que o sistema capitalista já não consegue mais esconder suas próprias contradições, ou seja, seu receituário não é infal-

vel, e pode levar à destruição países antes considerados “estáveis”.

Mediante isso, nos indagamos, qual mundo buscamos? Que paz desejamos?

Em meio a esses conflitos e relações de dominação, o II FSM revelou o potencial mobilizador e organizador de setores da sociedade civil e deu um impulso às lutas, que cada vez mais, se intensificam e se internacionalizam contra a “ditadura global dos mercados”, fruto de todo ajuste neoliberal.

O que estamos vivenciando neste início do século XXI é, nas palavras de Emir Sader, “um novo momento que aceita o desafio de dar respostas no plano internacional aos grandes problemas do mundo na entrada do novo século”, e é preciso saber apreendê-lo para entendê-lo. O que nos aponta este novo cenário? Novos sujeitos históricos ou velhos sujeitos revestidos de roupagens novas, preocupações contemporâneas, necessidades atuais? O que de fato significa essa (re)organização das lutas sociais em âmbito internacional? O que quer dizer este momento que nos traz novos pensamentos, novas esperanças, novas expectativas de que “um novo mundo é possível”?

O II FSM foi marcado pela consolidação da gigantesca rede de movimentos e organizações sociais que vêm se consolidando desde as manifestações em Seattle (1999) contra a globalização neoliberal. Constituiu-se numa iniciativa da sociedade civil para a sociedade civil que vem construindo novos espaços públicos, além do estatal, um espaço de discussões e articulações dos movimentos sociais. Esse último encontro colocou por terra a idéia de que após o atentado de 11 de setembro haveria um enfraquecimento dos movimentos antiglobalização e do impulso contestatório anticapitalista. O que vimos foi exatamente o contrário, dele se colheu a urgência para prosseguir e ampliar a pressão organizada e pacífica contra

aqueles que pretendem transformar o mundo num gigantesco “condomínio fechado”. O Fórum por si mesmo, nos indica um caminho, no qual é possível unir forças para pensar novas diretrizes para um mundo novo.

Foram muitos os pontos positivos do II FSM, em especial seu caráter plural, que tem constituído toda a força e riqueza do movimento. Impregnado de posições político-ideológicas foi um Fórum eminentemente social, na avaliação de alguns de seus participantes, um embrião de um novo internacionalismo, que se fortalecerá ainda mais com a articulação do global com o local.

O II Fórum constituiu-se, sem dúvida, num fato político internacional muito importante, de recusa a toda a forma de mercantilização da vida humana e de discussões de uma globalização alternativa, solidária, pautada no respeito e na dignidade humana. Além disso, demonstrou a eficiência do trabalho em redes, conseguindo reunir diversos grupos políticos, ativistas e militantes num campo de ação comum, revigorando assim, o protagonismo dos movimentos sociais.

Resultado de um longo e inacabado processo, o II FSM apresentou também críticas e desafios a serem enfrentados nas futuras ações.

Em primeiro lugar, a pluralidade que é o elemento inovador do Fórum, constituiu-se numa “faca de dois gumes”. Para alguns analistas que lá estavam, os diversos e diferentes grupos não estabeleceram um efetivo diálogo. As contradições presentes não resultaram em confrontos de pontos de vista diferentes, permitindo desenhar os contornos de “um outro mundo possível”. Reconhecer as divergências e ressaltar os elementos comuns fortalece a luta dos movimentos. Neste percurso é fundamental o respeito à diferença, ao plural e a liberdade de expressão dos vários sujeitos.

É necessário fazer cristalizar a bandeira do Fórum “um outro mundo

é possível”, em objetivos reais que ofereçam uma clara descrição do que se quer fazer e onde se quer chegar, de como se quer construir esse novo mundo, passo a passo. E com isso, ultrapassar a posição de mera denúncia à dominação neoliberal, que é necessária, mas não suficiente. É preciso ir além da contestação, elaborar e anunciar, conjuntamente, propostas em relação às questões econômicas, políticas e sociais, assim como em outras esferas da vida, que sejam para longo prazo, capazes de exercer pressão frente à ordem neoliberal instalada. Os participantes do Fórum aspiram valores de justiça, igualdade, solidariedade, diversidade, democracia e participação. Mas como concretizá-los? Sem essa agenda e sem decisões coletivas o movimento corre o risco de esvaziamento. Mesmo assim, o II FSM explicitou uma riqueza de práticas sociais novas que já apontam para transformações fecundadoras de um novo mundo possível.

Uma outra questão é o desafio de articulação do global com o local, no sentido de dar às ações locais a dimensão global. A este junta-se mais outro desafio: como articular os movimentos sociais, as organizações da sociedade civil, com os governos, partidos políticos e outras forças políticas. Neste sentido, os governos democráticos têm um papel fundamental no adensamento da interlocução dos diferentes atores sociais, exercitando a co-responsabilidade na perspectiva da construção do novo.

É indiscutível que para além das críticas e desafios o Fórum vem se constituindo num movimento social que expressa a maior

mobilização da sociedade civil global na contemporaneidade.

Movimento que propicia, potencializa e fortalece articulações e mobilizações de diferentes setores ali presentes e suscita a emergência de outros sujeitos coletivos. Movimento que carrega em si a esperança de um outro mundo e pode dizer, assim como Carlos Drummond de Andrade “[...] tropeço no possível, e não desisto de fazer a descoberta do que tem dentro da casca do impossível.”

Recebido em 29/07/2002. Aprovado em 30/03/2003.

Referências

CADERNOS Le Monde diplomatique. Nº 3 – Janeiro 2002.

CALISTO; GIGASE; PELIZZARI; TOGNI. Forum Social Mondial II – ‘nouvelle internationale’ ou ‘carnaval globalisé’? Janeiro, 2002. Disponível em <www.forumsocialmundial.org.br> Acesso em maio, 2002.

SADER, E. Porto Alegre: o velho e o novo. Janeiro de 2001. Disponível em: www.forumsocialmundial.org.br. Acesso em abr. 2002.

SEONE, J.; TADDEI, E. Resistências Mundiais: de Seattle a Porto Alegre. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

SITE do Fórum Social Mundial, disponível em <<http://www.forumsocialmundial.org.br>>

Kárita Rachel Pedrosa Bastos
karitarachel@bo.com.br

Lucimara Perpétua dos Santos Benatti
lubenatti@hotmail.com

Rua Ministro Godói, 969 –4. Andar
Perdizes
São Paulo – SP
CEP: 05015-901